



Festa do Carmo: os processos comunicacionais na manifestação religiosa no ano de 2009.¹

Gisely ALVES²

Marcelo P. OLIVEIRA³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo

O presente trabalho aborda as manifestações religiosas arraigadas na cultura popular e procura entender como ocorrem e como são comemoradas no país. Analisa a forma como elas se perpetuam ao longo dos anos e mantêm a sua tradicionalidade, adaptando-se em decorrência da dinâmica cultural e da evolução das gerações. Nessa perspectiva, utilizaremos como estudo de caso a Festa do Carmo em Belmonte – BA, realizada todos os anos no mês de julho. Como referencial teórico utilizou-se a Teoria da Folkcomunicação criada por Luiz Beltrão.

Palavras-chave: Cultura Popular; Religiosidade; Folkcomunicação; Festa do Carmo.

Introdução

As manifestações populares são acentuadas na região nordeste do país, principalmente as dos municípios interioranos que realizam os festejos de cunho religioso, em que fiéis se reúnem para louvar o santo padroeiro. A prática das procissões é muito comum nessas celebrações, é o momento de reflexão, espaço em que devotos agradecem a graça alcançada, manifestando a sua fé por meio de preces, velas e cantos. As relações construídas com o divino podem ser explicadas como uma relação de troca, o devoto pede e o santo atende com sua benevolência divina.

O catolicismo praticado pela maioria da população brasileira é centrado na figura dos santos, com quem os fiéis se relacionam direta e pessoalmente, sem a mediação do ministro institucional, embora guarde traços comuns ao catolicismo tradicional, sobretudo na importância atribuída aos santos pelo próprio leigo. Enquanto no

¹Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

²Graduanda do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio/TV da UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz, email: gisabluemary@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Rádio/TV da UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz, email: cameloti@uol.com.br



catolicismo tradicional, os rituais e representações religiosas são a propriedade coletiva dos fiéis, no catolicismo privatizado, os rituais e as representações religiosas são reapropriações privatizadas dos fiéis, expressando uma resistência passiva ao clero. (OLIVEIRA apud Silva e Paiva, 2004 p. 153)

A Festa do Carmo que ocorre em Belmonte, cidade do Extremo Sul da Bahia, agrega esses elementos de fé durante todo o festejo. É uma comemoração que atrai inúmeros fiéis de diversos lugares que apreciam não só a beleza da festa, mas também, o que ela representa enquanto expressão de religiosidade. Durante a festa da padroeira existem dois tipos de correntes religiosas, podendo ser divididas entre oficial (Igreja Católica) e popular (profana). A primeira delas refere-se aos sacerdotes e a liturgia empregada por eles na novena, não aderindo outros tipos de manifestações. Já a segunda, mais flexível, é uma corrente em que a razão fica em segundo plano, sobressaindo-se a emoção. Nela se admite a junção do sagrado e profano, e a representação sincrética. Um dos momentos de sincretismo na festa é a lavagem das escadarias da igreja, feita pelo Grupo Netos de Gandhi e acompanhada por seguidores de outras religiões.

Devido ao grande número de manifestações populares religiosas e ao pouco estudo sobre os seus processos comunicacionais dentro desse panorama cultural, é que se propõe uma análise dos processos de comunicação da manifestação religiosa da Festa do Carmo, utilizando como aporte teórico a Folkcomunicação.

Festa do Carmo em Belmonte – BA



A Festa do Carmo é uma manifestação religiosa de caráter popular feita em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, que acontece em Belmonte, cidade que faz parte da costa do descobrimento, Extremo Sul da Bahia. A santa, também conhecida por



Nossa Senhora do Monte Carmelo, chegou ao solo belmontense no ano de 1708, período de colonização da região. A imagem foi trazida pela expedição que contava com colonos portugueses, Padres Jesuítas, entre eles é citado o Padre Joseph de Araujo Ferraz que foi o responsável por catequizar os índios botocudos descendentes das tribos manhãs e camacãs.

Com a chegada da santa ao vilarejo, os jesuítas deram início à construção da capela de Nossa Senhora do Carmo à margem do rio Jequitinhonha, sendo concluída em 16 de julho de 1769, data de sua inauguração. A partir desta data é que foram realizadas as primeiras missas em homenagem a santa, rezadas em latim pelo padre alemão Maia.

O rito religioso que acontece desde o século XIX, tem duração de nove dias comumente conhecido por novena, tendo início no dia 07 de julho com término no dia 16, dia da padroeira. No entanto, as manifestações religiosas se estendem até o dia 19 de julho devido à antecipação da comemoração do dia de São Vicente, que ocorre oficialmente no dia 26 de setembro.

A abertura da festa é marcada pelas missas que acontecem durante toda a novena. Cada noite é destinada em homenagem a um noiteiro⁴, na qual uma família do município de Belmonte recebe os votos de paz, acompanhado de cânticos, fogos e muita oração. Além de receber a homenagem, o noiteiro se responsabiliza pela decoração da igreja, pelo soltar dos fogos, pela contratação das bandas, distribuição de lembrancinhas e alvorada⁵. Tempos atrás, só as famílias que possuíam fazenda de cacau é que eram homenageadas na novena. Hoje, por causa da decadência do cacau na região, todos os moradores podem ter participação nas novenas.

Um dos momentos esperados de quem promove uma noite em homenagem a Nossa Senhora do Carmo é a alvorada que ocorre às cinco da manhã na qual acontece salva de fogos, música e oração. A filarmônica contratada pela família vai abrilhantar o noiteiro com canções cristãs, valsas e dobrados. A banda toca em frente à casa do homenageado e segue pelas ruas da cidade até chegar à Praça da Matriz onde fica a igreja da padroeira.

Durante o festejo religioso, além da celebração da fé existem outras manifestações culturais como a contradança, apresentação de capoeira, das filarmônicas Lira Popular e 15 de Setembro e a lavagem das escadarias da igreja de Nossa Senhora

⁴ Noiteiro: expressão utilizada para indicar as pessoas que são homenageadas e promovem uma noite em louvor a Nossa Senhora do Carmo.

⁵ Alvorada: vocábulo que significa o começo do dia.



do Carmo pelo grupo Netos de Gandhi. Todas essas manifestações acontecem paralelamente à novena e contribuem para a comemoração da festa da padroeira trazendo beleza à cidade.

Depois do ciclo dos nove dias de missas, é chegado o dia de Nossa Senhora do Carmo. Para os devotos e pessoas que simpatizam com a festa é o momento de maior emoção, no qual a imagem da padroeira sai carregada pelos fiéis em um andor e percorre a cidade numa romaria que celebra a fé em Maria do Carmelo. Aquele é o momento de reverenciá-la, de agradecer e pedir por meio de preces e cânticos religiosos. Descalços, com velas, escapulários, fitas e terços os devotos se entregam a padroeira numa ação metafísica, aproximando-se do divino, numa conversa que vai além do espaço físico.



Folkcomunicação e cultura popular

A cultura popular pode ser definida como qualquer tipo de manifestação cultural, como dança, folguedo, literatura, arte, música, folclore e festas. De forma antagônica à cultura de elite, a cultura de ordem popular passa a existir a partir das tradições e costumes de uma região. A tradição é resultante da memória coletiva de um povo e é transmitida de geração a geração, sendo disseminada principalmente de maneira oral.

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimento, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo. (BELTRÃO, 2004, p.57).



Dentro desse panorama, não podemos pensar as culturas orais de forma isolada, é necessário ponderar que os processos culturais estão ligados ao povo daquela região, estendendo-se à sociedade como um todo. O cerne principal é a colaboração popular, de maneira que cada indivíduo verbaliza uma história que será passada pra as próximas gerações, na qual essas possam continuar mantendo a tradicionalidade das manifestações culturais daquele local.

De acordo com Zumthor (1997), as mudanças culturais que ocorrem com o tempo ou até mesmo a supressão delas estão diretamente relacionadas com o fator característico da seletividade que tem a memória. Cada indivíduo tem uma interpretação peculiar do que vivencia, e com isso o processo dinâmico da cultura de uma região é construído ao longo dos anos com a soma dessas memórias. As experiências vividas pela memória coletiva garantem a permanência de uma tradicionalidade cultural que se apóia numa comunicação verbalizada.

No entanto, com a memória coletiva vem a perda e a transformação dessas memórias, um esquecimento que parece pertencer a dinâmica cultural, fazendo com que a cultura local se transforme numa luta incessante pela continuação da memória de uma região. Assim, temos a voz como fator de sucessão da tradicionalidade de uma cultura, que para Zumthor “ela envolve toda a existência, penetra o vivido e mantém o presente na continuidade dos discursos” (ZUMTHOR, 1993, p. 140).

A comunicação é um dos grandes problemas basais da sociedade atual, já que é composta por uma imensa variedade de grupos que possuem experiências diversificadas e se diferenciam por aspectos étnicos, sociais e culturais. No que se refere à cultura - e em específico a cultura popular - é possível perceber que comunicação e cultura são processos que estão relacionados de forma intrínseca, visto que a cultura se constrói pelos tipos de comunicação que o homem exerce na sociedade. O Brasil é um país que possui diversas manifestações populares, e só na década de 60 é que foram aprofundados os estudos sobre cultura popular e comunicação, com o objetivo de apontar como as camadas populares se informavam e como transmitiam essa informação, daí suscitou a idéia de folkcomunicação por Luiz Beltrão.

O termo Folkcomunicação surgiu dos estudos do jornalista e pesquisador Luiz Beltrão em sua tese de doutorado *Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias* (1967), baseada no artigo da revista *Comunicações & Problemas* (1965) que “identificava algumas manifestações artísticas e folclóricas pelas quais a massa se comunica e a opinião se manifesta”



(BELTRÃO, 1965, p. 9-10). O artigo tratava de esculturas, objetos, desenhos e fotografias depositadas pelos devotos nas igrejas, conceituando o termo Folkcomunicação como:

Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de idéias e que utilizam meios de folk para a expressão de suas informações, idéias e anseios, como os folhetos de cordel, as cantorias, os contos, as danças, os autos populares, a talha, a cerâmica. São grupos culturais marginalizados intelectual, econômica e geograficamente e/ou grupos urbanos socialmente marginalizados, ora pelo reduzido poder aquisitivo de sua renda econômica que não lhes permite o acesso aos meios citados, ora por contestação à cultura ou à organização social estabelecida” (BELTRÃO, 2004 p.27,68).

José Marques de Melo corrobora a idéia de folkcomunicação desenvolvida por Beltrão, afirmando que esse conceito é a comunicação das classes subalternas, é a expressão cultural das camadas populares, é a maneira por meio da qual o povo se aproveita para se expressar publicamente. Desta forma, entendemos que a folkcomunicação é uma forma de comunicação popular.

O estudo da folkcomunicação quando se direciona para manifestações de cunho religioso tem por objetivo compreender os aspectos comunicacionais envolvidos nos elementos representativos da cultura religiosa. É importante também que haja uma comunicação no sentido transcendental, na qual exista uma relação entre o homem e o divino.

O mito e a religião estão presentes no processo histórico da evolução humana e nos revela que são intrínsecos ao indivíduo fazendo parte de sua cultura. Por muitas vezes o ser humano é levado a desenvolver novos comportamentos, sendo estimulados pela crença em algo supremo e que não se pode ter controle pelo fato de não ter uma explicação científica. As manifestações coletivas de caráter religioso se repetem em todos os lugares do país, havendo comemorações como a Festa do Divino Espírito Santo e o São João. Há também as festas de visitação aos Santuários como o de Bom Jesus da Lapa na Bahia e o de Aparecida em São Paulo.

A celebração das festas católicas decorre do calendário religioso (ano litúrgico), de amplitude universal e que assumem caráter especificamente regional ou local, quando se trata de comemorar o “dia do padroeiro”, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores, herança que veio de Portugal” (BELTRÃO, 1980, p. 61).



As festas populares de caráter religioso no Brasil sempre vêm acompanhadas de fé por parte dos fiéis. Os devotos expressam sua fé participando de todo o rito com orações e carregando consigo elementos materiais que representam a crença no padroeiro(a) em sinal de agradecimento à graça alcançada. Tais elementos são identificados como ex-votos, e na região nordestina são também conhecidos por milagres e promessas. Para Beltrão (2004, p.119), “O ex-voto é fabricado em madeira, cerâmica, pano, cera, papel, fitas, linhas, cordões, papelão, cartolina, chifre, gesso, pedra-sabão, coco e outros materiais, inclusive plásticos”.

A festa do Carmo vai além do sentido religioso com o qual foi criado originalmente. Hoje representa bem mais que uma manifestação de fé, a celebração ganha o sentido de unidade, uma ruptura entre as separações e diferenças do cotidiano, na qual as mais distintas pessoas se encontram em torno de um único significado, em busca de um encontro com a santidade, independente da religião a qual pertencem. Assim, Igreja e rua se unificam no mesmo espaço público. Para além do sentido religioso, nos dias de hoje, a festa agrega novas manifestações culturais, nos quais o processo de comunicação modifica os rituais antigos da cultura local.

Esse perfil eminentemente comunicacional assumido hoje pelas festas populares alterou-lhes profundamente a fisionomia primitiva. As antigas tradições vão sendo substituídas por novos padrões de interação sociocultural. A mídia e as instituições comerciais transformam as festas em espetáculos coletivos, fruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos (MARQUES DE MELO, 2008. p. 56).

Uma das grandes mudanças que ocorreu na Festa de Nossa Senhora do Carmo diz respeito aos espetáculos culturais. Não são mais realizados os mesmos rituais tradicionais e a forma de divulgação da festa pela mídia, que hoje dá ênfase nas diversas atrações musicais como os grupos de Axé, Pagode e Arrocha, não destaca a parte do festejo religioso. Hoje existe também uma preocupação por parte da população em se divertir na festa de atrações musicais, mas ainda prevalece a fé que os fiéis vivem durante toda a novena da padroeira, seguindo os rituais religiosos.



Festa do Carmo no ano de 2009

A Festa do Carmo é mantida desde o século XIX, e no ano de 2009 continuou sua tradição atraindo devotos da cidade, das regiões circunvizinhas e de outras localidades do país. Durante o festejo, foi cumprido todo o ritual de costume, os nove dias de missas realizados sempre com muita emoção, os noiteiros que homenageiam a padroeira, as filarmônicas que acompanham as noites de louvor, a lavagem das escadas da igreja que purificam o ambiente e a alma e a procissão que leva vários fiéis às ruas junto a padroeira em caminhada pela cidade.

Anualmente em tais localidades, celebram-se festas que, embora de origem e fundo religioso, se revestem de exteriorizações profanas, constituindo-se desse modo em ocasiões especiais de sociabilidade, e obedecendo a rituais mistos: uma parte interna (a missa, o sermão, a bênção), sob o controle da autoridade eclesiástica; a outra, fora do templo, de iniciativa de grupos autônomos (ou quase) de devotos, incluindo procissões e cortejos, representações de autos folclóricos, música, danças, fogos de artifício, quermesses, jogos e brincadeiras, comidas típicas – tudo de acordo com rituais tradicionais, fundados em prescrições e superstições, totalmente fora do controle, do consentimento e, às vezes mesmo, em desafio à liturgia e à autoridade da Igreja (BELTRÃO, 1980, p. 63).

O cortejo do candomblé, da umbanda e dos Netos de Gandhi seguido da lavagem das escadarias da igreja de Nossa Senhora do Carmo, é uma dessas manifestações que acontecem paralelamente ao festejo principal. A lavagem acontece no dia anterior ao da procissão, e é seguida por muitas pessoas. O percurso é feito por pessoas que se vestem com os trajes representativos dos orixás e de baianas que carregam consigo jarros de flores perfumadas. Também há a participação dos Netos de Gandhi que carregam colares feitos de miçangas azuis e brancas que são entregues às pessoas que estão presentes no cortejo com a intenção de desejar-lhes paz, além de jogar alfazema simbolizando a purificação da alma. Toda a caminhada é feita com cantorias acompanhadas por um carro de som até chegar à igreja para realizar a lavagem das escadarias. Este é o momento de sincretismo da festa, candomblezeiros e católicos ficam em frente à igreja e cada um se manifesta de uma maneira diferente, mas sempre em louvor a Nossa Senhora do Carmo, que no candomblé é representada por Oxum.



Os cultos afro-brasileiros são um exemplo de sincretismo religioso. De um modo geral, pode-se definir o sincretismo religioso como sendo uma tolerância, uma mistura inconsciente, uma tentativa de aproximação de doutrinas ou práticas diversas, uma combinação de elementos emprestados de outros cultos, uma apreensão global e mais ou menos confusa de um todo; uma tentativa de harmonizar todas as concepções religiosas (SCHLESINGERS E PORTO apud SILVA e PAIVA, 2004).

Outra apresentação que acontece no período do festejo religioso é a contradança, uma das manifestações culturais mais antigas da cidade. A dança tem início com a vinda dos portugueses para o Brasil, servindo para a diversão dos grandes senhores da época. Em Belmonte, a dança antigamente já foi composta por homens que se vestiam de mulheres, mas com o passar dos anos ela foi redefinida e quem passou assumir o posto foram as mulheres entrelaçam as fitas coloridas fazendo uma trança num mastro de madeira. O grupo não se apresenta há alguns anos, e em 2009 também não houve a manifestação, em decorrência de não haver uma coordenação e por falta de recurso financeiro. Percebemos aqui uma mudança na tradição da festa e por consequência na cidade, já que além da transformação no grupo, ele também já não se apresenta mais.

Antes da saída da padroeira da igreja para seguir em procissão, existe toda uma preparação, na qual o andor é todo decorado com flores, é colocado o escapulário de ouro na imagem e a coroa para a sua saída no fim da missa indo percorrer as ruas de Belmonte. É um momento muito emocionante para os fiéis, a padroeira sai com o anúncio do sino, com o coral tocando o seu hino e acompanhado pela sinfonia das duas filarmônicas que estão do lado de fora da igreja a sua espera. Senhores, senhoras, jovens e crianças, todos, independentemente de sua religião seguem a padroeira em uma ocasião que é esperada durante todo o ano.

A procissão é um momento em que as pessoas se voltam para um anseio de fé, procurando estar mais próximos da santidade e de sua religião. E essa aproximação é feita muitas vezes por meio do pagamento de promessas intermediadas por orações, velas, penitências, etc. Na Festa do Carmo é comum ver as pessoas em constante oração, acendendo suas velas, amarrando fitas, distribuindo escapulários e terços, e carregando andores. Por meio desses elementos físicos ou abstratos é que se faz possível uma comunicação com a santidade.



A esperança, a fé, o desespero, a aflição, a promessa, a aliança com o divino - o Voto. O alívio, a resposta, a celebração do pacto, o milagre alcançado – o Ex-voto. É esta troca de sensações, das mais íntimas e essenciais do homem, que marca o relacionamento entre este a entidade sobrenatural a que recorre nos momentos extremos. Cumpra-se então, através de um ritual próprio, a promessa feita para alcançar o benefício. A realização da tarefa ou atitude de penitência a que o devoto fica assim submetido, pode ser representada tanto por algo material e visível como por ações no plano espiritual ou, ainda, que impliquem em esforço físico e atos de humildade. (ACHE apud SCHMIDT, 2006).

As pessoas costumam entender que as formas que pagam suas promessas é um ato de agradecimento à solicitação feita ao santo, e que a concessão desses pedidos é uma obra de benevolência da santidade. Mesmo que tais pedidos não sejam atendidos pela santidade auxiliadora, os devotos não se esmorecem, tendo total confiança, acreditando que tudo acontecerá no momento certo da providência divina. Uma das penitências costumeiras a Nossa Senhora do Carmo é o carregamento do andor, e muitos encaram isso como um momento de estar mais próximo a sua fé em Deus e na padroeira.

O festejo no ano de 2009 ainda manteve a essência da Festa do Carmo apesar de algumas mudanças enfrentadas ao longo das últimas décadas. No início, a festa era comemorada não só a manifestação religiosa mais também uma celebração social, na qual os mais ricos mostravam o seu poder econômico por meio de suas vestes e na forma de homenagear a padroeira da cidade, decorando a igreja com as flores mais bonitas e contratando as duas bandas filarmônicas. Hoje os noiteiros decoram a igreja dentro de suas possibilidades financeiras e, normalmente, contratam somente uma das duas filarmônicas. Além disso, o festejo teve o acréscimo de bandas musicais ao fim das novenas, o que para muitos é um elemento que descaracteriza a manifestação religiosa, mas importante para o turismo da cidade.





É preciso pontuar que essas alterações no decorrer dos anos fazem parte do processo da dinâmica cultural, no qual o fator socioeconômico é responsável e determinante para essas mudanças na Festa do Carmo. Antigamente, a cidade de Belmonte tinha como fonte de renda a produção do cacau, e isso possibilitava uma ostentação maior durante o festejo. Hoje, com a decadência da lavoura cacauzeira, a festa se realiza, mas não como era a décadas atrás. Entretanto, o que não se perdeu com o tempo foi a devoção à padroeira, ainda prevalece a celebração de fé em Nossa Senhora.

É possível perceber que o festejo da padroeira Nossa Senhora do Carmo ainda cultiva na base de sua história elementos da celebração religiosa por meio de informações que são perpetuadas pela tradição oral. Se não fosse a oralidade como meio do sistema comunicativo, talvez a tradicionalidade da festa não fosse mantida, já que a comunicação por meio da mídia não se fez tão presente no decorrer da comemoração religiosa. Mesmo com as mudanças enfrentadas ao longo dos anos, seja em função das manifestações culturais ou pela adição dos espetáculos musicais, a cidade ainda consegue manter a base estrutural da festa com as novenas, a apresentação das filarmônicas, os noiteiros, o cortejo e a lavagem das escadarias da igreja pelos Netos de Gandhi e a procissão que é o ápice da manifestação religiosa, na qual os devotos se entregam a Maria do Carmelo em agradecimento a tudo que a santa realizou para aqueles fiéis.

Considerações finais

Desde quando é realizada, a tradição da festa religiosa vem sendo propagada por diversas gerações até os dias atuais, passando por mudanças, mas não perdendo a sua essência religiosa. Assim como em muitos outros lugares do nosso país, o festejo acontece todos os anos atraindo um grande número de devotos, o que reafirma a tradição da cerimônia, além de trazer o turismo para a cidade. Apesar de ser uma festa que aglomera diferentes tipos de fiéis, percebemos que essa tradicionalidade se concretiza por meio da igreja católica, visto que é uma celebração que envolve ritos dessa religião, desde a liturgia empregada na novena até a imagem da santa que invade as ruas da cidade. Desta forma, a Festa de Nossa Senhora do Carmo funciona como uma integração entre população da cidade e os visitantes, que se reúnem para um encontro de fé.



Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo, Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de fatos e expressões de idéias**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2001.

_____. **Teoria geral da comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora UMEESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

_____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Edição da comissão gaúcha de folclore, 2004.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. São Paulo: Atlas, 2004.

BREGUEZ, Sebastião. **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte, Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação do INTERCOM, 2004.

GASPAR, Eneida D. **Guia de religiões populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

GIDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Mídia e folclore: O estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá, Faculdades Maringá, 2001.

MORAIS FILHO, Alexandre José de Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

SIGRIST, Marlei. A folkcomunicação nas festas populares. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na era global**. São Paulo: Editora Ductor, 2006.

SILVA, Betty Lopez da; PAIVA, Maria Goretti Dias Lopes. Cultura, comunicação e religiosidade, o grupo Moçambique do bairro Concórdia em Belo Horizonte. In: BREGUEZ, Sebastião (Org.). **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Minas Gerais: Intercom, 2004.



SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. 178 p. il.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a literatura medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução por Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. Editora Hucitec, 1997.